

## **A PRODUÇÃO DA DIFERENCIAÇÃO SOCIOESPACIAL EM CATANDUVA E SÃO JOSÉ DO RIO PRETO: uma análise a partir do cotidiano de moradores de espaços residenciais fechados<sup>1</sup>**

### **THE PRODUCTION OF THE SOCIOESPACIAL DIFFERENTIATION IN CATANDUVA AND SÃO JOSÉ DO RIO PRETO - SP: an analysis from the everyday of dwellers of closed residential areas**

Patrícia Helena Milani<sup>2</sup>

**RESUMO:** A produção da diferenciação socioespacial é analisada levando em conta suas dimensões objetivas e subjetivas, a partir da comparação entre duas cidades médias com diferentes níveis de complexidades, Catanduva e São José do Rio Preto-SP. O cotidiano, enquanto unidade de espaço e tempo é nossa dimensão de análise, tendo as práticas espaciais dos sujeitos sociais pesquisados, enquanto plano analítico, o que nos permitiu identificar como o processo de diferenciação socioespacial se expressa na produção do espaço urbano, sobretudo a partir dos espaços vividos, conferindo sentidos e significados às práticas, que envolvem relações contraditórias entre dentro e fora, antes e depois, mudança e permanência, espaço e tempo. Com base na realização de 22 entrevistas e em observações de campo, a pesquisa revelou que, sob o discurso da busca por segurança, os sujeitos pesquisados, moradores de espaços residenciais fechados de classe média e elite, valorizam e produzem estratégias de distinção socioespacial, nas quais o espaço é dimensão estratégica. Tal busca modifica as maneiras como esses sujeitos sociais vivenciam o urbano e aquilo que lhe é inerente, sendo a cidade cada vez mais vivida e representada em fragmentos.

**PALAVRAS CHAVE:** Produção do Espaço Urbano; Diferenciação Socioespacial; Espaços Residenciais Fechados; Catanduva e São José do Rio Preto-SP.

**ABSTRACT:** The production of socio-spatial differentiation is analyzed in this paper considering its objective and subjective dimensions, through the comparison of two midsize cities with different complexity levels, Catanduva and São José do Rio Preto. The daily life, understood as a space-time unity, is our analysis dimension, and the spatial practices of the researched subjects are our analytical plan, which allowed us to identify how the social and spatial differentiation process is expressed in the production of the urban space. This occurs mainly in relation to the lived spaces, which attributes meaning and significance to the practices that involve contradictory relations between the inside and the outside, the before

<sup>1</sup> Este artigo é resultado da pesquisa de doutorado realizada na Universidade Estadual Paulista, no Programa de Pós Graduação em Geografia, sob a orientação da Profa Dra Eda Maria Góes. A pesquisa obteve apoio financeiro da CAPES e esteve vinculada ao Projeto Temático: "Lógicas econômicas e práticas espaciais contemporâneas: cidades médias e consumo".

<sup>2</sup> Doutora em Geografia pela Universidade Estadual Paulista, UNESP de Presidente Prudente. E-mail: patriciah.milani@gmail.com.

and the after, the transformation and the continuity, space and time. We conduct our research through 22 interviews and field observations, which revealed that the researched subjects – middle class and elite residents of gate communities -, under the speech of search for security, value and produce strategies of social and spatial distinction, in which the space is a strategic dimension that is not restricted to the scope of inhabiting. This quest modifies the ways these social subjects experience the urbane, with all the things that are connected to it, and in this manner the city is progressively lived and represented in fragments.

**KEYWORDS:** Urban space constitution; Social and spatial differentiation; Gated communities; Catanduva and São José do Rio Preto-SP.

## INTRODUÇÃO

A redução gradual da segurança, que assume um sentido amplificado e o colapso do planejamento de longo prazo que, por conseguinte, acarreta uma incerteza sobre o futuro, consistem em dois importantes aspectos que caracterizam o período contemporâneo e se expressam no processo de produção do espaço.

Combinado a isso, desde as últimas décadas de século XX, o processo de urbanização brasileira vem sendo caracterizada pela expansão territorial das cidades e pela implantação de novos loteamentos e áreas comerciais voltados para o consumo de diferentes segmentos socioeconômicos, inclusive com alteração da relação “centro-periferia”, que orientou durante muito tempo a lógica de produção do espaço urbano e as práticas espaciais dos sujeitos.

Esse conjunto de mudanças envolve transformações nas formas de articulação entre espaço e tempo estabelecidas pelas práticas espaciais que caracterizam o cotidiano urbano. A consolidação desses novos empreendimentos não resulta no desaparecimento de outras formas de habitação, mas revela uma recombinação entre as práticas que dão conteúdo e compõem a cidade e assim, a complexifica. Nesse sentido, se evidencia uma relação entre as mudanças objetivas e subjetivas tanto nas lógicas de produção do espaço urbano, quanto da sociedade contemporânea, num movimento de simultaneidade.

Diante da intensificação do processo de implantação de empreendimentos residenciais, murados e vigiados com câmeras de segurança, partimos da necessidade de compreender como os espaços urbanos estão sendo produzidos e representados, sob o viés do processo de diferenciação socioespacial, levando em conta, além da dimensão objetiva, as subjetividades espaciais. Nesse contexto é

que apreendemos o ponto de vista de sujeitos que protagonizam esse processo, moradores de espaços residenciais fechados<sup>3</sup>, tendo como recorte espacial as cidades de Catanduva e São José do Rio Preto, no Estado de São Paulo.

Quanto à dimensão populacional, a partir dos dados do Censo de 2010 realizado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), observamos que o município de Catanduva apresenta um número consideravelmente menor de habitantes (112.820 habitantes) em comparação a São José do Rio Preto (408.258 habitantes). Além de ser uma cidade de porte médio, pelo número de habitantes, São José do Rio Preto é considerada uma cidade média, por desempenhar um papel de centralidade entre as cidades da rede urbana, no oferecimento de bens e serviços diversificados (SPOSITO, 2003).

Transpondo a discussão demográfica e a concepção das redes urbanas hierarquizadas por um lado e, por outro, levando em conta a importância que Catanduva desempenha para as cidades do seu entorno, bem como a existência de relações que perpassam o movimento hierárquico da rede, concebemos Catanduva nos limiares das cidades médias, segundo a proposta de Batella (2013). Tal noção justifica-se por não concebermos as cidades como espaços iguais, o que permite deduzir que classificá-las como médias não implica que necessariamente haverá uma correlação de funções ou papéis entre elas (BATTELA, 2013, p. 44); diferenças que se evidenciam na comparação entre Catanduva e São José do Rio Preto, nesse sentido. Segundo esse autor, além da diferença do ponto de vista populacional, a estrutura de serviços, infraestruturas, comercialização, gestão, consumo, controle e poder político e cultural é que definem os papéis diferenciados entre as cidades de uma região.

Para abordar a problemática da produção do espaço urbano das duas cidades à luz do processo de diferenciação socioespacial, elegemos o cotidiano como dimensão analítica, tendo como principal instrumento metodológico a realização de entrevistas com moradores, no âmbito da metodologia qualitativa, por meio das quais procuramos privilegiar a fala dos investigados, seus depoimentos

---

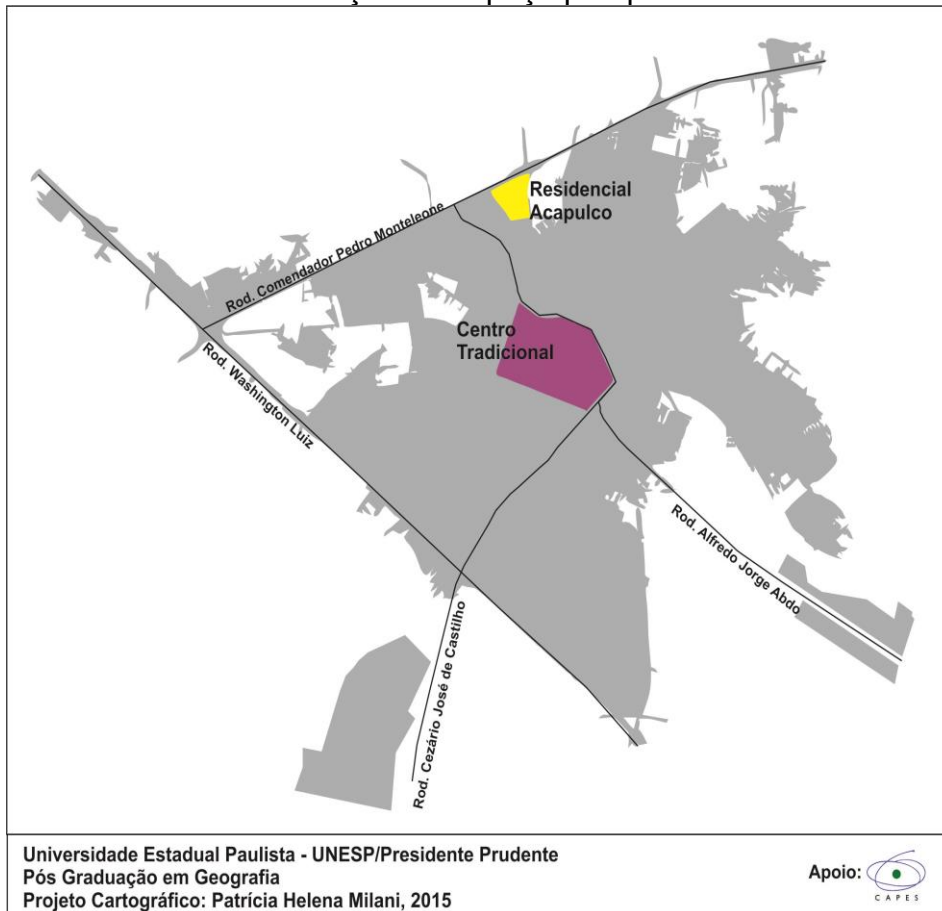
<sup>3</sup> Adotamos a expressão “espaços residenciais fechados”, assim como Sposito e Góes (2013, p. 61), que trataram de espaços semelhantes. Essa terminologia designa todos os empreendimentos residenciais horizontais murados e controlados por sistemas de segurança, ainda que haja diferenças entre eles, tanto do ponto de vista jurídico, como dos elementos – físicos e simbólicos - que os caracterizam.

sobre as experiências vividas socioespacialmente, opiniões e pontos de vista. Assim, identificamos o reforço de aspectos de diferenciação socioespacial entre os espaços internos dos residenciais fechados, associado ao estilo de vida que esses moradores valorizam, em contraposição à cidade e ao que representam como negativo, sobretudo as relações, encontros e imprevisibilidades inerentes aos espaços públicos. Combinado às entrevistas, observações de campo nos espaços internos e externos dos residenciais fechados que pesquisamos, possibilitaram um aprofundamento nas análises, sobretudo pelo contato com práticas espaciais dos próprios entrevistados que ora confirmavam, ora complementavam, ora se contrapunham, às suas falas. Foram realizadas treze entrevistas entre moradores dos residenciais<sup>4</sup> Damha IV e V, Gaivotas I, Las Palmas, Recanto do Lago, Recanto Real, Village Damha I e Quinta do Golfe, em São José do Rio Preto; em um universo mais restrito de pesquisa, em Catanduva realizamos nove entrevistas com moradores do Residencial Acapulco, os mapas das Figuras 1 e 2 mostram a localização dos espaços pesquisados em Catanduva e São José do Rio Preto, respectivamente.

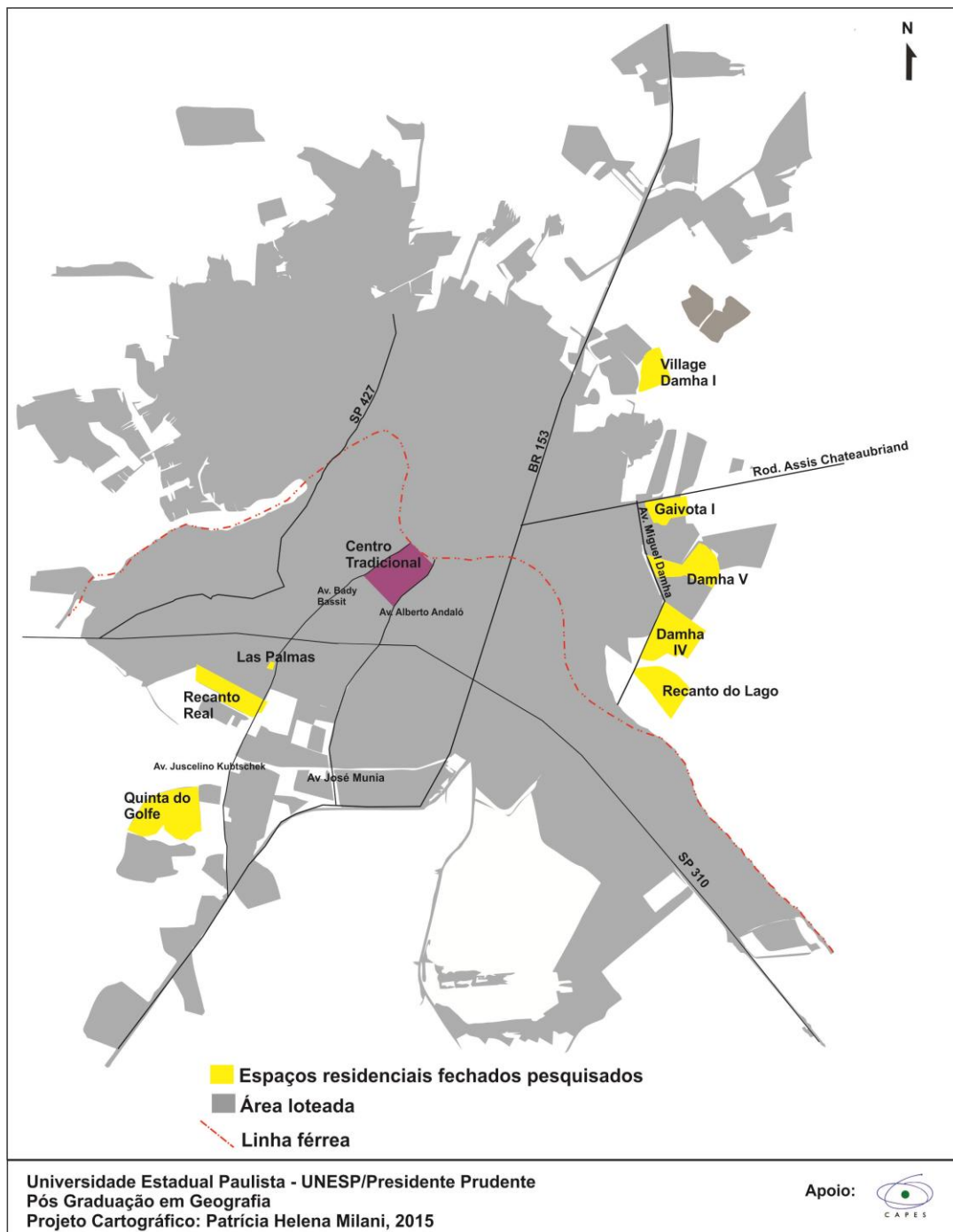
---

<sup>4</sup> O nome do residencial em que mora o entrevistado, e outras informações referentes a esses sujeitos aparecerão entre parênteses após a transcrição das falas.

Figura 1: Catanduva: localização do espaço pesquisado



**Figura 2:** São José do Rio Preto. Localização dos espaços pesquisados



## A PRODUÇÃO DE UM ESTILO DE VIDA DISTINTIVO SOCIOESPACIALMENTE

*“Os muros mantêm aquilo que você quer fora mesmo, é super burguês.”*  
Rosí, moradora entrevistada.

Com o interesse de compreender como o anseio pela distinção socioespacial da classe média<sup>5</sup>, sob a retórica da insegurança, se expressa no processo de produção do espaço urbano, por meio das práticas espaciais e representações sociais dos sujeitos, nessa seção do artigo buscamos fazer uma reflexão acerca de alguns elementos importantes que caracterizam esse estilo de vida que tem o espaço como uma dimensão estratégica, tanto para a separação espacial, quanto para sua utilização como atributo distintivo em relação ao que desejam se diferenciar.

Levando em conta a proposição de Lindón (2006, p.387) de que as práticas e os espaços onde se realizam diferem substancialmente quando ocorrem fora ou dentro de um lugar, entendemos que os muros dos espaços residenciais fechados expressam mais que um processo de privatização da cidade, mas apontam para fortes mudanças nas relações socioespaciais entre os moradores desses espaços fechados e os sujeitos e os espaços que estão fora deles.

As falas dos entrevistados de Catanduva e São José do Rio Preto, que explicitam as estratégias de distinção socioespacial, confirma nosso pressuposto de que, além da segurança, a busca por um estilo de vida distintivo, que inclui uma separação socioespacial da cidade – e aquilo que representam como negativo, é uma importante dimensão que influencia as práticas dos sujeitos pesquisados e nos oferece elementos para avançar nas discussões. Portanto, a segurança e a distinção social são os “valores” que motivam esses sujeitos sociais – que podem pagar por isso - a consumir esse produto imobiliário, que redefinem suas formas de relação

---

<sup>5</sup> Compreendemos que classes sociais não se restringem à renda e ao padrão de consumo; embora esses aspectos sejam importantes, levamos em conta um estilo de vida e uma visão de mundo prática desses sujeitos, que se materializa no cotidiano, podendo garantir a reprodução de uma classe ao longo do tempo (Souza, 2010).

com a cidade, no plano espacial e temporal (SPOSITO, 2013, p. 82), reproduzindo e ampliando desigualdades que são históricas, no caso brasileiro.

Isso demanda esforços para que se compreenda os processos nos quais se inserem essas estratégias e as mudanças que são produzidas a partir dessas práticas, simbolicamente justificadas (BOURDIEU, 2007) durante as entrevistas, ainda que essas mudanças estejam mais ligadas à uma reprodução da ordem presente.

A combinação dos elementos ligados à segurança com os de distinção social é evidente, produzindo um imaginário desses espaços residenciais fechados, contraposto a um “imaginário das cidades inseguras” (MAGRINI, 2013), que valoriza, além da segurança, a comodidade, o lazer e a tranquilidade, materializados num espaço onde foi possível realizar o desejo de viver em uma casa espaçosa, com churrasqueira, piscina, áreas para descanso e “cozinha *gourmet*”, numa referência direta ao culto do produto desenhado para as necessidades do cliente (SOUZA, 2010, p. 42), bem como ao avanço dos serviços personalizados.

É exemplar o caso de Carlos<sup>6</sup> que nos falou de um sonho – morar no Residencial Quinta do Golfe - também em São José do Rio Preto, que considera ainda mais exclusivo que o Recanto Real, onde mora atualmente, porque lá residem alguns dos sujeitos de mais alto *status* social da cidade.

Mas eu estou planejando comprar um terreno e fazer uma casa num outro condomínio, *tô* planejando já, *tô* querendo morar no Quinta do Golfe, eu quero morar lá. [...] vai ser tudo em volta do campo de golfe, muito bonito, meu sonho de consumo. (Carlos, 49 anos, aposentado, Recanto Real, São José do Rio Preto)

No contexto de São José do Rio Preto, esse é um espaço residencial fechado que se diferencia dos outros pesquisados, por possuir atributos físicos e simbólicos que mais se associam à exclusividade. Além dos preços mais elevados dos lotes e mensalidade do condomínio, o empreendimento dispõe de sistema de segurança mais rígido que os demais empreendimentos pesquisados. Esse, dentre outros aspectos que reforçam o caráter mais exclusivo do Quinta do Golfe, é valorizado

---

<sup>6</sup> Todos os nomes dos entrevistados são fictícios.



pelos entrevistados, pois atendem seus anseios de separação socioespacial e conformação de um estilo de vida que se distingue dos segmentos populares.

A combinação entre os atributos físicos do Residencial Quinta do Golfe com a alta capacidade de produzir representações positivas desse espaço, tido como exclusivo no contexto de São José do Rio Preto, faz com que ele simbolize, para a maioria dos entrevistados, um espaço que corresponde ao estilo de vida que desejam, o que também sustenta uma “economia coletiva do desejo”<sup>7</sup> (GUATTARI, 1986, p. 26). Segundo informações do *site* do empreendimento<sup>8</sup> e entrevista com o morador (Júnior), os lotes no Quinta do Golfe variam entre quatrocentos a mil metros quadrados, cujos preços chegam a um milhão de reais, enquanto no Recanto Real (onde reside Carlos), possuem em média trezentos e cinquenta metros quadrados, cujos preços variam entre trezentos a quinhentos mil reais.

Os trechos das falas de Júnior<sup>9</sup> reafirmam a existência de elementos que caracterizam esse espaço residencial fechado que se diferencia da maioria dos empreendimentos fechados da cidade, através de atributos que substanciam uma representação desse espaço de moradia, por alguns dos entrevistados, como mais exclusivo e como um modelo ideal de moradia. Porém, o que essas falas reforçam são medidas discriminatórias e estratégias de distinção, a partir de uma separação social (SPOSITO E GÓES, 2013, p. 130) e espacial cada vez mais acirrada em relação à cidade.

Uma coisa que eu gosto da Quinta é que não tem casas diretamente nos muros do condomínio, por que, caso o cara pular para dentro, ele cai numa área que dá para ver, porque tem câmeras no condomínio inteiro. Então, de longe, consegue ver. Em outros condomínios que eu já morei, a casa era direto na parede, o cara

---

<sup>7</sup> Dentre outros atributos físicos, o Residencial Quinta do Golfe possui um campo de golfe exclusivo para moradores e convidados, projetando uma prática que integra, entre inúmeros elementos objetivos e subjetivos, um conjunto de representações positivas associadas ao *status* social e ao “melhor lugar para se viver”, segundo Carlos.

<sup>8</sup> *Site* do empreendimento: [www.quintadogolfe.com.br](http://www.quintadogolfe.com.br), acesso em 25 jun. 2015.

<sup>9</sup> As falas do entrevistado são fragmentos de três respostas de diferentes questões, a opção por trazê-las em conjunto visa comprovar o uso constante de elementos, durante a entrevista, que caracterizam e diferenciam o empreendimento Quinta do Golfe da maioria dos espaços residenciais fechados de São José do Rio Preto, tornando-o tanto do ponto de vista objetivo, quanto subjetivo mais exclusivo. Essa característica também foi reforçada quando tentamos realizar entrevistas com outros moradores desse espaço residencial fechado e obtivemos negativas. Inclusive por meio de um corretor de imóveis da cidade que tinha contatos com alguns moradores e que se disponibilizou a ajudar com as entrevistas em alguns residenciais fechados e nos assegurou sobre as dificuldades de acesso com moradores do Residencial Quinta do Golfe.

podia pular direto na sua casa, e eu acho que isso aumenta a segurança. (Júnior, 25 anos, desenvolvedor de sistemas, Quinta do Golfe, São José do Rio Preto)

O que me incomodava lá [*residencial Recanto Real, onde morava anteriormente*] é que as ruas são muito estreitas, isso me incomodava, e eu acho que isso acaba acarretando menos segurança para o trânsito, e no Quinta as ruas são mais largas. (Júnior, 25 anos, desenvolvedor de sistemas, Quinta do Golfe, São José do Rio Preto)

Tem um interfone bem longe, na rua, onde fazem a primeira abordagem, depois disso entra para falar com o porteiro, o interfone está bem longe, inclusive para fora do portão de acesso à portaria, já no Recanto, você [*visitante*] já entra direto na portaria. (Júnior, 25 anos, desenvolvedor de sistemas, Quinta do Golfe, São José do Rio Preto)

Dentre todos os espaços residenciais fechados pesquisados, incluindo o Residencial Acapulco de Catanduva, apenas o Recanto Real e o Village Damha I<sup>10</sup> (de São José do Rio Preto), possuem restaurante nos espaços internos aos muros. As referências aos equipamentos são expressivas da combinação entre um atributo concreto e a produção de subjetividades ligadas ao espaço residencial fechado. Carlos e Letícia basearam-se na sua presença para diferenciar o residencial onde moram dos outros, da mesma forma que Selma, moradora do Village Damha I. Porém, por ainda não saberem que outro residencial fechado da cidade também dispõe desse serviço, enfatizaram não apenas que o *seu* residencial fechado é o único a possuir restaurante no interior dos muros, mas que é exclusivo de moradores e convidados. A fala seguinte é reveladora da valorização dessa diferenciação.

[*O dono do restaurante é um morador?*]

Não é um morador, na verdade é arrendado. [...] antes tinha um restaurante que servia prato feito [...] como tem muito pedreiro [...] começou ficar aquela coisa assim... sabe? Os moradores começaram a não gostar, porque a gente se sentia mal de ir lá, tinha muita gente desconhecida, começou a descaracterizar muito [...]. Depois deram uma melhorada no restaurante [...] e ficou só para os

---

<sup>10</sup> No Village Damha I, ele foi arrendado por um comerciante não morador. No Recanto Real, o restaurante é gerido por um morador, que já atuava no ramo de alimentação na cidade.

moradores e convidados. (Selma, dona de casa, 42 anos, Village Damha I, São José do Rio Preto)

Compreendemos que a busca por uma identidade social seja parte do processo de constituição simbólica (JOVCHELOVITCH, 2002, p. 65), porém, no contexto da pesquisa, esse reconhecimento se dá, sobretudo, pelas semelhanças socioeconômicas entre os entrevistados, que conseqüentemente tendem à negação da diversidade, enquanto característica fundamental da vida na cidade. Além de restaurantes, a presença de equipamentos como academias, pistas de caminhadas, quadras..., faz com que os entrevistados acirrem as delimitações e diferenciações entre os espaços internos e externos aos muros, utilizando estratégias de diferenciações, tanto sociais quanto espaciais em relação à cidade, como se o empreendimento fosse uma “cidade dentro da cidade” (SPOSITO, 2003), alheio a ela e aquilo que representam como negativo.

Os entrevistados que valorizaram o uso do restaurante nos residenciais fechados compreendem a prática de utilização desse espaço, como provedora de igualdade, enquanto constatamos o oposto, a produção de um espaço no qual a desigualdade se torna ainda mais explícita, especialmente quando ampliamos a análise para a escala da cidade e nos deparamos com práticas segregadoras, baseadas em preconceitos, haja vista a narrativa de Selma, acerca do restaurante.

Alguns entrevistados evidenciaram o anseio de que houvesse mais empreendimentos comerciais nos espaços internos dos residenciais, porém sempre reforçando a ideia de exclusividade e separação em relação aos sujeitos não moradores.

Eu gostaria que houvesse aqui dentro mesmo, mas assim, só para os moradores do condomínio, por exemplo, minha irmã mora em um prédio em Campinas que tem um salão de beleza, só para as moradoras. Tem uma mulher aqui dentro do condomínio que depila e tira a sobrancelha, mas nunca fui, tem outra que arruma roupa, mas também nunca fui, aos poucos eu vou sabendo dessas coisas, esse povo faz o serviço na casa deles, aqui dentro. Mas acho que não pode abrir assim, para atender pessoas de fora, de jeito nenhum. (Maíra, 39 anos, médica, Recanto Real, São José do Rio Preto)

As comparações foram recorrentes nas falas dos entrevistados de São José do Rio Preto, tanto entre elementos que caracterizam o interior e o exterior dos

muros, numa relação de valorização e desvalorização, respectivamente, como entre elementos que diferenciam os próprios residenciais no âmbito da cidade, citando itens supostamente exclusivos de onde moram, como o restaurante que tanto Carlos e Letícia, quanto Selma, acreditam ser exclusividade do *seu* residencial. Nesse caso, a exclusividade, mesmo que suposta, está diretamente relacionada à hierarquização entre os próprios espaços residenciais fechados da mesma cidade.

Por outro lado, as narrativas dos moradores do Residencial Acapulco, em Catanduva, evidenciaram estratégias de distinção entre moradores, na escala do próprio condomínio, principalmente do ponto de vista do consumo. Porém, no caso do Residencial Acapulco, quando alguns entrevistados compararam com outros espaços residenciais fechados, referiram-se aos localizados em São José do Rio Preto como um exemplo a ser seguido, principalmente no âmbito de estilo de vida distintivo a ser construído no interior desses espaços, como evidencia a fala de Célia.

Essa problemática da manutenção do condomínio que é muito complicado, muito complicado. Talvez, eu acho que esse condomínio não tenha tomado as rédeas bem mesmo, porque eu tenho minha sobrinha que mora no Damha em Rio Preto, **eles são velhos de condomínio, então eles já têm uma outra organização**. Eu acho que esse daqui ainda deixa muita coisa a desejar, porque não é uma que as pessoas... São os moradores que fazem parte dessa diretoria, então cada um tem seu emprego, seus compromissos, então fica aquela coisa meio que desajustada pro meu gosto. Eu gostaria de uma coisa mais organizada, porque não é uma coisa tão grande e acho que mereceria uma organização cem por cento eficiente, que não é. (Grifo nosso. Célia, 59 anos, aposentada, Acapulco, Catanduva)

De maneira similar, ocorreu após a entrevista com Maurício, síndico do Residencial Acapulco, quando nos perguntou sobre os sistemas de segurança dos espaços residenciais fechados em que realizamos pesquisa em São José do Rio Preto, especialmente no que se refere à entrada de visitantes e trabalhadores, afirmando que iria visitá-los, pois planeja intensificar os sistemas de segurança do Residencial Acapulco.

Nesses casos, as relações entre as duas cidades e, especialmente, a polarização exercida por São José do Rio Preto explicita-se na dimensão simbólica ao servir de modelo e inserir-se numa outra temporalidade, mais adiantada, porém,

ocorrendo simultaneamente. Além disso, revela processos de articulação de escalas e reforça a necessidade de analisar as cidades médias em suas relações e interações espaciais (SPOSITO, 2006), que se expressam por meio das práticas dos próprios sujeitos sociais no contexto da investigação.

## DIFERENÇAS E SEMELHANÇAS ENTRE AS ESTRATÉGIAS DE DISTINÇÃO: O ESPAÇO URBANO DE UMA CIDADE MÉDIA E DE UMA CIDADE MÉDIA NOS LIMIARES

As diferenças entre os esforços para produzir um estilo de vida distintivo socioespacialmente entre os sujeitos pesquisados das duas cidades, bem como para delimitar suas posições nos espaços internos dos residenciais, sobretudo entre moradores e empregados, possui uma relação com a configuração espacial de cada cidade e com suas lógicas de produção do espaço urbano.

Embora não seja pertinente desconsiderar a existência de combinações das maneiras de morar nas cidades médias, que caracterizam espacialmente as diferentes formas que o processo de diferenciação assume no espaço urbano, constatamos que, em Catanduva, uma cidade média nos limiares, ou seja, com menor nível de complexidade interna em relação à São José do Rio Preto, essas combinações são mais significativas para compreender o papel que esses empreendimentos fechados de moradia exercem no contexto intraurbano e as implicações das estratégias de distinção, tanto nos espaços internos quanto externos aos muros.

Nas cidades médias nos limiares, a velocidade da obsolescência de alguns modos de morar é menos acelerada em relação a uma cidade média, principalmente nos casos de Catanduva e São José do Rio Preto, como demonstra a presença de edifícios de alto padrão nas áreas centrais e pericentrais e de casas em bairros “abertos” destinados majoritariamente para os segmentos de renda mais elevada, inclusive com preços mais altos dos imóveis em relação ao Residencial Acapulco, em Catanduva. Estes primeiros continuam a ser valorizados pelos entrevistados dessa cidade, em maior proporção, quando comparado aos entrevistados de São

José do Rio Preto, em relação aos imóveis em bairros abertos, que são cada vez mais desvalorizados, em função da valorização crescente dos imóveis comercializados nos espaços residenciais fechados.

Quando comparamos as cidades médias com espaços metropolitanos, os menores preços da terra urbana - combinados à maior disponibilidade de áreas loteáveis e os custos de vida e de construção comparativamente menores - facilitam o acesso a esse tipo de produto imobiliário para a classe média, conforme demonstrado nas pesquisas de Sposito (2003) e Sobarzo (2006). Essa lógica também se aplica, ainda que em menor proporção, às cidades médias nos limiares, uma vez que o ritmo de implantação por parte do setor imobiliário e, por conseguinte, do consumo desses *habitats* é menos acelerado em relação às cidades médias. Assim, a produção do espaço ocorre, em geral, não por causa apenas dos processos econômicos, mas também decorre de uma articulação conjunta Estado-setor imobiliário, que forma a vanguarda das transformações espaciais, como evidencia Gottdiener (2010, p. 241).

Se, por um lado, o acirramento de posições entre os diferentes sujeitos sociais é mais evidente no contexto dos espaços residenciais fechados de São José do Rio Preto - indicando mecanismos que se diferenciam -, por outro lado, há aqueles que se assemelham no contexto das duas cidades investigadas, norteados por lógicas semelhantes que regem as estratégias de distinções e controle inerentes a esses empreendimentos e ao estilo de vida distintivo almejado e produzido pelos moradores, independente do espaço urbano no qual são produzidos.

O registro de informações sobre dias e horários de entrada e saída dos trabalhadores, um completo “relatório do empregado” que é feito em cada portaria, demarcando o tempo em que é permitida sua permanência nos espaços internos, é uma das estratégias comum a todos os espaços residenciais fechados pesquisados nas duas cidades, embora existam diferenças entre os empreendimentos.

O relato de Carlos sobre a ronda dos seguranças no período noturno evidencia um controle mais rígido no Recanto Real, que também foi mencionado por entrevistados do Damha IV e Village Damha I, de São José do Rio Preto. De motocicleta, os funcionários “responsáveis” pela segurança percorrem as vias e, nesse período, por não haver controle (olhares) dos próprios moradores, eles portam

um equipamento que os obriga a registrar-se em intervalos programados, como comprovação de que estão trabalhando.

A busca por distinção social e convivência, ainda que individualizante, entre seus pares, são dimensões relevantes nas escolhas desses espaços fechados para moradia, de maneira mais evidente entre os entrevistados de São José do Rio Preto, em relação ao Residencial Acapulco, de Catanduva. As estratégias de controle dos empregados e funcionários são um desdobramento das relações econômicas nas condições e posições dos sujeitos sociais, portanto, esses mecanismos estruturam, sobretudo, as relações simbólicas entre esses sujeitos (BOURDIEU, 2007, p. 25).

Ao mesmo tempo em que há esse acirramento dos mecanismos de controle sobre os outros nos espaços residenciais fechados de São José do Rio Preto, reforçamos sua radicalização nos empreendimentos do Grupo Damha e no Residencial Quinta do Golfe, o que é valorizado pelos moradores, mas envolve conflitos, uma vez que as posições hierárquicas entre os sujeitos nem sempre podem ser tão bem demarcadas.

*[Em que horários os guardas fazem a ronda?]*

Só de noite, de dia eles ficam também, mas nem é por questão de segurança, acho que é por causa de pedreiro, assim... Aí tem as câmeras que foram colocadas também, e eles ficam atentos. Outro dia fui de bicicleta numa obra minha, depois das sete da noite, eles viram a bicicleta e acharam que era pedreiro que tinha ficado né, a hora que eu saí [da obra], tinha três guardinhas na porta, eles ficaram olhando, um chamou o outro e não tinha coragem de entrar pra ver. Eu ouvi uns barulhos, sai lá fora, tinha os três, que se assustaram, “não, eu sou moradora, a obra é minha, eu só vim deixar uns recados para os pedreiros”, “mas você mora onde?”, eles ficaram perguntando “o que essa menina tá fazendo na obra uma hora dessa?” (Amanda, 26 anos, arquiteta, Damha IV, São José do Rio Preto)

*[E como são as regras do condomínio em relação aos empregados diários?]*

A minha (empregada) tem a carteirinha, funcionário que vem toda semana tem carteirinha, então ela nem interfona quando ela chega, ela passa na portaria de serviços, passa a carteirinha. Em todos os Damhas, tem as entradas de serviço e entrada social, quando eu vou ver minhas obras, eu entro pela entrada de serviços. Meu tio morava no seis [Damha VI], e eu era arquiteta dele, e às vezes eu esquecia e entrava na [portaria] social e eles ficavam bravos, porque tinha que

entrar pela de serviço. (Amanda, 26 anos, arquiteta, Damha IV, São José do Rio Preto)

A referência a determinado espaço, como ocorre na fala de Amanda, quando comenta que “em todos os Damhas tem as entradas se serviço e entrada social”, ultrapassa a simples forma de indicar a localização da regra, evidenciando que ela pode ser um recurso que sinaliza várias formas de distinção socioespacial. Assim como ocorreu com alguns entrevistados dos Residenciais Gaivota e Recanto do Lago, localizados próximos aos empreendimentos do Grupo Damha, que, antes de informar o nome do espaço residencial fechado em que moravam, já ressaltam a informação, “fica próximo dos Damhas”.

Esse aspecto revela uma maneira de valorização, a partir de uma carga simbólica de distinção, existente entre os entrevistados. Além de demonstrar uma consciência, no âmbito da “cultura de consumo” (FEATHERSTONE, 1995, p. 123), de que existe uma comunicação por meio do espaço onde mora e onde ele se localiza na cidade, expressam um conjunto de elementos que serão interpretados e classificados em termos de presença ou ausência de gosto, distanciamento das classes populares e aproximação do estilo de vida da elite.

O poder simbólico do Grupo Damha e, de maneira mais recente, do Residencial Quinta do Golfe se consolida a partir da produção de subjetividades comercializadas pelo mercado imobiliário, cuja eficácia e alcance se confirmam quando são reproduzidas pelos entrevistados de São José do Rio Preto. Em uma cidade com número elevado de espaços residenciais fechados, apenas morar em um deles não é distinção suficiente, é necessário ainda indicar em qual deles.

As ações do Grupo Encalso Damha precisam ser levadas em conta quando se busca compreender o processo de urbanização na área leste de São José do Rio Preto, que se iniciou após a implantação do Parque Residencial Damha I, em 1996, seguido do Residencial Jardins, Residencial Márcia, Residencial Damha IV, Residencial Damha V e Residencial Damha VI, implantados pelo grupo Encalso, e os espaços residenciais fechados de outras incorporadoras, sendo: Recanto do Lago, Residencial Vista Alegre, Village Rio Sena, Residencial Gaivota I e Residencial Gaivota II.



A intensificação da produção desses empreendimentos voltados aos segmentos de alto e médio poder aquisitivo evidenciam interesses fundiários e imobiliários de maximização dos lucros e promovem uma aceleração da expansão territorial urbana nas áreas periféricas da cidade, do ponto de vista geográfico, bem como engendram lógicas de produção do espaço urbano que o tornam cada vez mais segmentado e complexo. Assim se produz tanto um processo de reestruturação da cidade, caracterizado por novas lógicas locacionais segundo os interesses de valorização imobiliária dos agentes produtores do espaço (CORRÊA, 1995), quanto uma segmentação das práticas de sociabilidade e das representações sociais .

Nesse sentido, a incorporadora teve participação direta na produção de nove espaços residenciais fechados, sendo seis deles dos segmentos Damhas e outros três Villages Damhas, que, como já comentado, consiste em empreendimentos que se diferenciam pelos preços dos lotes, alguns atributos físicos internos, localização e, por conseguinte, são diferentes também em relação ao poder de produzir subjetividades.

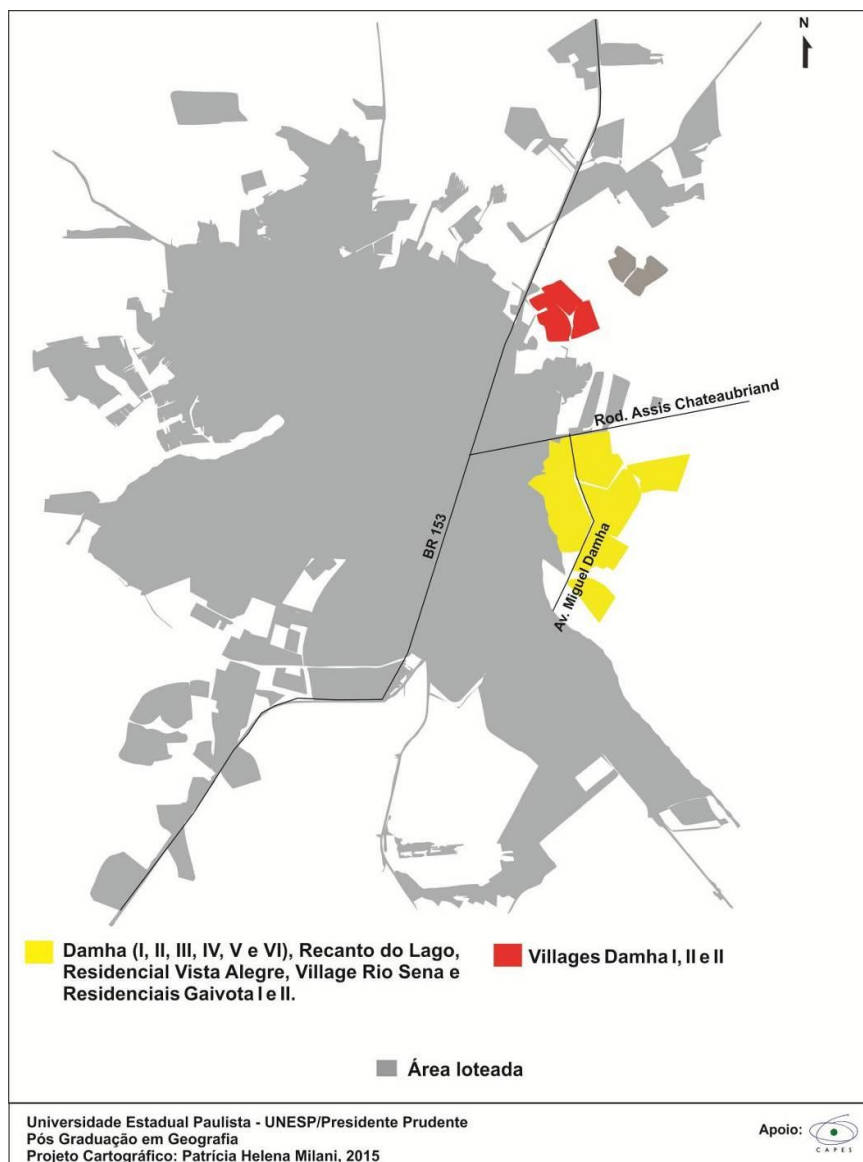
O conjunto dos empreendimentos Damha, em São José do Rio Preto, localiza-se ao sul da Rodovia Assis Chateaubriand, a leste do terceiro lago artificial da Represa Municipal , cujo acesso é feito pela Avenida Miguel Damha. O conjunto dos Villages Damha se localiza ao norte da Rodovia Assis Chateaubriand, conforme mostra o mapa da Figura 3.

Este primeiro conjunto de empreendimentos exerce uma concorrência em relação aos localizados na área sul da cidade (também de alto e médio padrão). Os empreendimentos, sobretudo do segmento Damha, caracterizam-se por um conjunto de aspectos objetivos e subjetivos que os consolidam como “referências” aos demais. Essa influência também se estende para a escala interurbana, conforme indicaram alguns relatos dos moradores do Residencial Acapulco, de Catanduva, que utilizaram os empreendimentos Damhas de São José do Rio Preto, para exemplificar o estilo de vida ideal no interior de espaços residenciais fechados.

Já no contexto de Catanduva, o primeiro empreendimento do Grupo Damha está em fase de consolidação. As ações diferenciadas desse agente produtor do espaço urbano, entre as duas cidades pesquisadas, mostram que, apesar de

movidos por lógicas semelhantes de produção do espaço voltadas à reprodução do capital, as intensidades dos ritmos de investimentos se diferenciam de maneira mais presente e impactante proporcionalmente ao mercado consumidor desses novos *habitats* e a capacidade de sua absorção, em São José do Rio Preto, onde é evidente um ritmo mais acelerado nessa produção, em comparação a Catanduva.

**Figura 3:** São José do Rio Preto. Localização dos empreendimentos na área leste da cidade



Nesse sentido, corroboramos a proposição de Gottdiener (2010, p. 235), segundo a qual as mudanças no espaço urbano são um resultado dialético de

fatores políticos, culturais e econômicos, que se manifestam através da linha de frente dos padrões de desenvolvimento imobiliário que congregam a intervenção do Estado, formas de acumulação de capital e a manipulação dos mercados de terra.

A concentração de poder econômico dos cidadãos que passam a ocupar essas áreas, combinada a esses produtos imobiliários, tem uma correlação com poder político, já que os agentes privados produtores do espaço urbano possuem um poder de influência sobre as ações públicas. Nos termos de Gottdiener (2010, 236), “os incentivos políticos e imobiliários pavimentam o caminho para esse aspecto particular da reestruturação espacial”.

Em uma perspectiva semelhante, porém com menos intensidade em relação aos empreendimentos do Grupo Damha, devido, sobretudo, a sua recente implantação, o Quinta do Golfe (área sul da cidade) exerce, como compareceu nas falas de alguns entrevistados de São José do Rio Preto, um poder simbólico que se relaciona a um estilo de vida valorizado por essa classe média, com elementos que consideram ainda mais exclusivos (e excludentes), estimados por alguns entrevistados e por Júnior, morador entrevistado do Quinta do Golfe, como vias internas mais largas, maiores distâncias entre as casas, já que os lotes possuem um tamanho maior em relação aos demais residenciais pesquisados da cidade, um número mais elevado de funcionários da segurança, bem como um sistema mais rígido e amplo de vigilância, com câmeras em todas as vias internas.

A despeito das evidências de que há intensidades diferentes das medidas de controle, entre os espaços residenciais fechados da pesquisa, elas são prioritariamente dirigidas a empregadas domésticas, jardineiros, demais prestadores de serviço, pedreiros e seus ajudantes. Em relação a esses últimos, foi verificada uma preocupação maior dos moradores nos residenciais mais novos, em que o número de casas em construções ainda é grande, principalmente no Residencial Acapulco, Damha IV e Village Damha I, nos quais há lotes a venda e obras em andamento.

De ponto negativo, eu acho que, por enquanto, são as construções, aqui é muito legal, mas tá tendo muita construção, então é muito pó, é a única coisa. Eu tô com uma construção do lado, minha casa tá todinha fechada. Mas isso, eu acho que faz parte, a vizinha sofreu

com a minha também, quando eu construí. (Sandra, 53 anos, aposentada, Acapulco, Catanduva)

Apesar da prática de fechar as janelas e portas da casa, também movida por uma relação de desconfiança com os trabalhadores, que aparece de forma subjacente na fala de Sandra sob o álibi da sujeira, verificamos que as relações discriminatórias no Residencial Acapulco são menos patentes quando comparadas aos espaços residenciais fechados pesquisados de São José do Rio Preto.

Estes últimos possuem um número maior de equipamentos (inclusive de lazer), que caracterizam os espaços internos, o que, por conseguinte, resulta na produção de regras relacionadas aos seus usos, uma vez que, como valorizado em diversas falas, são de uso exclusivo dos moradores e convidados. Se não fosse assim, consideram que haveria degradação da imagem do restaurante, academia e pista de caminhada, o que aumentaria a possibilidade do encontro entre os diferentes (patrões e empregados), contradizendo o proposto pelo estilo de vida distintivo que valorizam e se esforçam em produzirem, substanciado por práticas de negação à diferença, valorização de espaços exclusivos e demarcação das posições hierárquicas de cada sujeito, especialmente entre moradores e trabalhadores. Outra particularidade embutida nesse último aspecto é o maior número de famílias residentes nos espaços fechados de São José do Rio Preto, em relação ao Residencial Acapulco, o que implica também um número maior de empregados que adentram todos os dias.

No âmbito da estabilidade que alguns entrevistados almejam, também ligada à segurança que valorizam, evidencia-se em Catanduva, conforme indicado pelas mudanças nas relações de vizinhança, maior contentamento com essas relações. Mesmo que sejam baseadas, sobretudo nas aparências, elas permitem um “controle” dos espaços internos aos muros pela “visibilidade dos corpos” (SPOSITO e GÓES, 2013, p. 243), pelo fato de “conhecerem” os moradores e grande parte dos trabalhadores que adentram cotidianamente, conforme explicitado adiante. O que se evidencia no contexto dos entrevistados de São José do Rio Preto são reforços voltados aos controles sobre os trabalhadores e visitantes, que poderiam garantir a estabilidade almejada, mas, como isso se faz por meio dos sistemas de segurança e regras destinadas a eles, acabam por acirrar conflitos cotidianos.

Algumas permanências que perpassam as relações de vizinhança foram observadas no contexto do Residencial Acapulco, as quais caracterizam relações de cidades médias nos limiares, de maneira mais significativa do que verificado nos espaços residenciais fechados de São José do Rio Preto, enquanto cidade média, com maior nível de complexidade intra e interurbana. A combinação entre a permanência desses valores entre alguns entrevistados e o menor tamanho do Residencial Acapulco possibilita maior conhecimento – mesmo que aparente entre os moradores -, gerando um “controle próprio”, que funciona de maneira complementar aos sistemas de segurança, no interior desse espaço residencial fechado. Tal aspecto foi pouco evidente na vivência cotidiana nos espaços internos entre os entrevistados de São José do Rio Preto, nos quais predominam as pressões sobre a administração e os funcionários da segurança para que assumam a responsabilidade pela manutenção da segurança e da “ordem” interna.

Sem perder de vista que, nos diferentes espaços residenciais fechados das duas cidades da investigação, a rigidez varia no controle de acesso de não residentes, e mesmo havendo “brechas” nesses controles, reiteramos que o foco maior é sempre nos trabalhadores, como tendência geral nas cidades.

Apesar dessa diferença entre a rigidez dos controles, o caráter difuso da violência, presente na maioria das narrativas entre os entrevistados de Catanduva e São José do Rio Preto, assim como verificado nas pesquisas de Sposito e Góes (2013) e Magrini (2013) também em cidades não metropolitanas, reafirma o papel da mídia como produtora de parte significativa dessas representações sobre a violência.

Além da influência exercida pelos noticiários em relação às representações acerca da violência, comparecem nas falas, fatos ocorridos com familiares e amigos, sendo reproduzidos para justificar a escolha pelo espaço residencial fechado e valorizar a segurança interna. Porém, assim como acontece com outras questões da pesquisa, as contradições se evidenciam, haja vista as narrativas de Júnior, morador do espaço residencial Quinta do Golfe, que deixa explícito o uso da segurança como um alibi, a partir do segundo trecho citado em seguida, que confirmou a opção da família pelo Quinta do Golfe por uma questão econômica e pelo empreendimento se distinguir, por seus atributos físicos e simbólicos, em relação aos outros da cidade.

Sua narrativa reafirma ainda uma presentificação verificada no contexto da investigação no que se refere, sobretudo, à negação da hipótese, assim como afirmado pela maioria dos entrevistados, de morar fora dos espaços residenciais fechados, em bairros “abertos”.

Meus pais escolheram por segurança, é um lugar muito tranquilo, tem os vigias, a portaria vinte e quatro horas. Teve uma época da vida deles que eles viajavam muito, então se sentiam mal de deixar a casa fechada e, quando chegar, encontrar alguma coisa que não queriam, ou melhor, não encontrar o que queriam [risos]. Eu lembro que nós moramos, quando eu era criança, minha mãe contava história direto de amigas que havia sido assaltada e isso foi motivando a gente a mudar. Nessa época éramos pequenos, eu e minha irmã, meus pais optaram pelo Green Park [condomínio fechado vertical] porque tinha uma área de lazer grande, quadras, segurança, lazer [...], acho que isso motivou eles a sempre continuar em condomínio. (Júnior, 25 anos, desenvolvedor de sistemas, Quinta do Golfe, São José do Rio Preto)

Acho que foi mais um investimento econômico mesmo, porque a gente estava querendo mudar de casa, vimos alguns condomínios para ir e lá foi o lugar que financeiramente era viável, viável no sentido que iria ter mais retorno ao longo do tempo, numa valorização. A gente sabia que queria algum condomínio, só estava querendo escolher qual, a segurança lá nos chamou atenção, mas o fator definitivo foi o financeiro, com certeza [...]. (Júnior, 25 anos, desenvolvedor de sistemas, Quinta do Golfe, São José do Rio Preto)

Embora algumas determinações da vida cotidiana sejam deliberadas em escalas mais amplas, não podemos desconsiderar as relações que essas determinações possuem com a realidade espaço-temporal de cada cidade, combinadas às práticas, experiências vividas por cada sujeito e suas representações sociais, que tanto reforçam como particularizam certas determinações, uma vez que as representações sociais não apenas surgem através de mediações socioespaciais, mas tornam-se, elas próprias, uma forma de mediação social (JOVCHELOVITCH, 2000). O resultado não é necessariamente um conjunto generalizado de mudanças atuando numa direção uniforme, mas consiste em tendências (GIDDENS, 1991, p. 72).

Algumas narrativas, sobretudo entre os entrevistados de Catanduva, são exemplares dessa relação entre as determinações advindas de escalas mais amplas e a experiência vivida. A passagem que segue reforça a “tranquilidade” como

característica mais veemente de uma cidade média nos limiaries, já que esse elemento não compareceu entre os entrevistados de São José do Rio Preto.

Não foi a busca por segurança que me motivou, nunca ocorreu nada comigo, e eu morava em apartamento também, e minha mãe sempre morou no centro quando a gente era solteira e nunca aconteceu nada, graças a Deus, **eu acho que Catanduva é mais tranquilo...** (Grifo nosso. Karen, professora, 40 anos, Acapulco, Catanduva)

Essa combinação de elementos objetivos e simbólicos caracteriza as diferenças, no âmbito dos sistemas de segurança e das estratégias de distinção socioespacial, entre os empreendimentos pesquisados em uma cidade média e uma cidade média nos limiaries, cuja complexidade do espaço intraurbano é menor. A intensidade com que se produzem esses espaços residenciais fechados e o êxito por eles alcançado em cada cidade, maior em São José do Rio Preto, gera diferenças pertinentes para se compreender o cotidiano dos moradores e as mudanças nas práticas em relação aos diferentes espaços da cidade e, portanto, da sua produção, delineando relações de evitação a alguns e permanência em relação a outros.

No que tange as tendências, tanto em Catanduva quanto em São José do Rio Preto, o estilo de vida distintivo em constituição visa, por um lado, ao afastamento socioespacial em relação às classes populares e, por outro, a uma aproximação da elite, engendrando um sistema de diferenças em que o espaço desempenha papel estratégico, uma vez que seus atributos físicos, além de produzir subjetividades, definem as escalas das comparações e estratégias de diferenciação. Estas, por sua vez, integram um movimento de simultaneidade que, ao serem produzidas, produzem espaços de distinção.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sob a retórica da segurança, os sujeitos sociais investigados valorizam um estilo de vida distintivo socioespacialmente, consomem esses espaços de moradia, assim como, os signos e os símbolos a eles associados, que acreditam se assemelhar ao modo de vida da elite e se distanciar dos segmentos populares; a

partir disso, passam a conceber esses espaços fechados de moradia, cada vez mais, como a única forma de morar na cidade.

A intensificação do poder simbólico atribuído aos espaços residenciais fechados está diretamente relacionada à radicalização dos sistemas e medidas de segurança, sobretudo em relação aos empregados e prestadores de serviços que adentram cotidianamente os espaços internos aos muros. Nesse sentido, os empreendimentos do Grupo Damha e o Quinta do Golfe, em São José do Rio Preto, desempenham papel central nas falas dos entrevistados, quando citam elementos de valorização desses espaços de moradia. São considerados modelos, justamente por causa do rigor dos seus sistemas e medidas de segurança, que são, sobretudo, discriminatórios.

As regras internas tendem a limitar as imprevisibilidades próprias da cidade, as negociações, as simultaneidades inerentes aos espaços públicos. Assim contribuem para a conformação de uma realidade de crise política, em relação à cidade, pela dificuldade de compreensão dos papéis e posicionamentos que os sujeitos sociais devem exercer e assumir em relação aos problemas coletivos.

Não negamos que a segurança referida no início das entrevistas exerça influência na opção por morar nesses espaços fechados, mas foi possível verificar que a busca por um estilo de vida distintivo socioespacialmente ganha centralidade quando se trata de compreender a produção do espaço urbano sob o viés do processo de diferenciação socioespacial no atual período em que a cidade é cada vez mais praticada e representada em fragmentos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALONSO, Luis Enrique. **La era del consumo**. Madrid: Siglo XXI, 2005.

BATELLA, Wagner Barbosa. **Os limiões das cidades médias**: reflexões a partir da cidade de Teófilo Otoni – MG. Tese de Doutorado. Programa de Pós Graduação em Geografia. FCT – UNESP, 2013.

BAUMAN, Zygmunt. **Tempos líquidos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007.



CORRÊA, Roberto Lobato. O espaço urbano. 3 ed. Rio de Janeiro: Ática, 1995.

DAL POZZO, Clayton Ferreira. **Fragmentação socioespacial em cidades de porte médio paulistas**: rede de relações socioespaciais seletivas e consumo segmentado na cidade. Relatório de qualificação. Programa de Pós Graduação em Geografia. FCT – UNESP, 2014.

FEATHERSTONE, Mike. **Cultura de consumo e pós-modernismo**. São Paulo: Studio Nobel, 1995.

GIDDENS, Antony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1991.

GOTTDIENER, Mark. **A produção social do espaço urbano**. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2010.

GUATTARI, Félix. **Micropolítica**: cartografias do desejo. 2 ed. Petrópolis, 1986.

JAMESON, Fredric. Pós-modernismo e Sociedade de Consumo. In: \_\_\_\_\_. **A Virada Cultural**: Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

JOVCHELOVITH, Sandra. **Representações sociais na esfera pública**. Petrópolis: Vozes, 2000.

\_\_\_\_\_. Vivendo a vida com os outros: intersubjetividade, espaço público e Representações Sociais. In: GUARESCHI, Pedrinho A.; \_\_\_\_\_. (Orgs.). **Textos em Representações Sociais**. 7 ed. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 63-85.

LEFEBVRE, Henri. **A vida cotidiana no mundo moderno**. Trad. Alcides João de Barros. São Paulo: Ática, 1991.

\_\_\_\_\_. **A revolução urbana**. Trad. Sérgio Martins. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

LINDÓN, Alicia. La casa búnker y la decosntrucción de la ciudad. **Revista Liminar**. vol. IX, n. 2, 2006. p. 18-35.

MAGRINI, Maria Angélica. **Vida em enclaves**: imaginários das cidades inseguras e fragmentação socioespacial em contextos não metropolitanos. Tese de Doutorado. Programa de Pós Graduação em Geografia. FCT – UNESP, 2013.

MICELI, Sergio. A força do sentido. In: BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

PRÉVÔT-SCHAPIRA, Marie-France; PINEDA, Rodrigo C. Buenos Aires: la fragmentación en los interstícios de una sociedad polarizada. **Revista Eure**, Santiago, Chile, v. XXXIV, n.103, p. 73-92, dez. 2008.

SOBARZO, Oscar. A produção do espaço público em Presidente Prudente: reflexões na perspectiva dos loteamentos fechados. In: SPOSITO, Eliseu Savério; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão; \_\_\_\_\_ (Orgs.). **Cidades médias: produção do espaço urbano e regional**. São Paulo: Expressão Popular, 2006. p. 199-214.

SOUZA, Jessé. **Os batalhadores brasileiros: nova classe média ou nova classe trabalhadora?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

\_\_\_\_\_. A invisibilidade da luta de classes ou a cegueira do economicismo. In: BARTELT, Dawid Danilo (Org.). **A “nova classe média” no Brasil como conceito e projeto político**. Rio de Janeiro: Fundação Heinrich, 2013. p. 55-67.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. A cidade dentro da cidade. Uma edge city em São José do Rio Preto. **Scripta Nova**. Barcelona: Universidad de Barcelona, n. 146, vol. 7, 2003.

\_\_\_\_\_. O desafio metodológico da abordagem interescalar no estudo de cidades médias no mundo contemporâneo. In: **Revista Cidades**, v. 3, n. 5, 2006. p. 143-157.

\_\_\_\_\_; GÓES, Eda Maria. **Espaços fechados e cidades: insegurança urbana e fragmentação socioespacial**. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

\_\_\_\_\_. Segregação socioespacial e centralidade urbana. In: VASCONCELOS, Pedro de Almeida; CORRÊA, Roberto Lobato; PINTAUDI, Silvana Maria (Orgs.). **A cidade contemporânea: segregação socioespacial**. São Paulo: Contexto, 2013. p. 61-93

\_\_\_\_\_. Cidades médias: reestruturação das cidades e reestruturação urbana. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **Cidades médias: espaços em transição**. São Paulo: Expressão Popular, 2007. p. 233-253.

Recebido em: 30/01/2017

Aceito para publicação em: 25/05/2017